

Mais uma vez a revista do CEL vai ser lida pela comunidade das Letras. Com um pouco de atraso, devido ao excesso de trabalho pelo qual nós da Universidade passamos. No entanto, esta revista mudou de cara e de nome. O novo nome — ALETRIA — guarda as marcas do texto de Guimarães Rosa e caminha por seus rastros:

*A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.*

*A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. (“Aletria e Hermenêutica”, Tutaméia.)*

Os textos desta revista, “anedotas” por excelência, na concepção de Rosa, contêm a coisa poética, a lata, metaforicamente usada por Gilberto Gil e aproveitada para indicar a crítica, a “hermenêutica”, e o poema, o que está dentro da lata, esse nada, tutaméia, que é tudo — *aletria*.

Assim, das “Errâncias poéticas à la brasileira”, de Vera Casa Nova, ao “Canto do cisne”, de Ruth Silviano Brandão, aqui presentes, vocês, leitores, poderão sentir a diversidade, a multiplicidade das poéticas e do olhar crítico contemporâneo a observar o mundo e sua letra.

Sendo uma revista temática — neste número, Poesia Brasileira Contemporânea —, alguns (talvez poucos, ainda) ousaram falar do presente ou quase presente. Por isso mesmo, a revista “pode valer pelo muito que nela não deveu caber”, lembrando mais uma vez Guimarães Rosa.

As mudanças aqui ocorridas correm por conta de uma necessidade de renovação, ou melhor, transformação de retóricas. Esperamos que vocês gostem.

As organizadoras.